

A MINISTRAÇÃO DA PALAVRA - UM GÊNERO ORAL EM DEBATE REFLEXÕES

Eliana DIAS

Universidade Federal de Uberlândia

elianadias@uber.com.br

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões sobre o gênero oral “Ministração da palavra”. Busca analisar as características que influenciam na constituição da persuasão no texto oral religioso de uma igreja evangélica da cidade de Uberlândia/MG e como se constitui o comportamento verbal típico da linguagem dos pastores evangélicos. Foram utilizadas 04 (quatro) ministrações da palavra em CD com aproximadamente 50 (cinquenta) minutos de duração cada. A linguagem oral desempenha papel importante na transformação dos seres humanos, inclusive, porque exerce influência sobre a estruturação do pensamento/cognição. Enfim, os gêneros orais dão forma e organizam a vida social e são usados, principalmente, com o objetivo de promover e organizar atividades entre seres humanos.

Palavras-chave: gênero oral; ministração da palavra; reflexão

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa, ainda em andamento, intitulada A MINISTRAÇÃO DA PALAVRA: GÊNERO ORAL que busca analisar os elementos argumentativos e prosódicos que constituem o texto oral de uma igreja evangélica. É uma breve reflexão sobre o comportamento verbal típico da linguagem de pastores evangélicos por ocasião da ministração da palavra - Gênero oral social que circula nas esferas pública e privada

É sabido que grande parte dos evangélicos se envolveu ou foi cativada por meio do discurso oral. Assim, por reconhecer o valor desse discurso nos dias atuais, essa pesquisa objetivou estudá-lo e entendê-lo, tendo como foco as características desse gênero.

Para essa pesquisa, a seleção do objeto de pesquisa ou de um *corpus* que pudesse refletir a maioria ou, ao menos, que representasse parte expressiva do grupo de pastores evangélicos foi feita com o apoio da Igreja Comunidade Shalom da cidade de Uberlândia. Essa seleção constituía nossa principal preocupação e desde o início não tínhamos a certeza de quantos discursos trabalharíamos, mas acabamos por constituir o *corpus* do trabalho maior por uma amostragem significativa, retirada de três CDs gravados com pregações evangélicas (Ministração da palavra). Os CDs são de domínio público, ou melhor, são doados pela igreja a interessados.

No entanto, para esse artigo, optou-se por uma breve reflexão sobre o assunto. Para tanto, pergunta-se:

- Quais as tipologias predominantes no gênero Ministração da palavra?
- A palavra é regulada pela Bíblia?
- Que aspectos da oralidade são tomados para nossa reflexão?

Para refletir sobre essas e outras perguntas, foram buscadas orientações em pesquisa de estudiosos sobre o assunto, tais como: Travaglia (2007), Marcuschi (1985), Koch & Fávero (1987), dentre outros.

Importante ressaltar que, para a pesquisa maior, partimos da hipótese de que o gênero “Ministração da palavra” está ligado a tipos, tais como: a descrição, a narração, a dissertação argumentativa e a injunção. Os critérios adotados para nossas análises, que fazem parte da pesquisa maior, se encontram ancorados na teoria de Travaglia (2007), que propõe a caracterização de um tipo, gênero ou espécie de texto por meio da utilização de parâmetros.

Por se tratar de um trabalho que lida com um *corpus* essencialmente oral, a estratégia metodológica para esse artigo foi desenvolvida, seguindo os procedimentos: ouvir os CD, observar os detalhes, destacá-los e transcrever os pontos relevantes e que se mostraram interessantes para as reflexões em questão. Foi realizada uma análise do discurso evangélico a partir da transcrição de fragmentos de pregações evangélicas. Para tanto, utilizamos 04 (quatro) ministrações da palavra com aproximadamente 50 (cinquenta) minutos de duração cada em cada CD.

O CD 1 intitulado “18 princípios para uma vida bem sucedida” mostra o pastor 1, buscando, inicialmente, instaurar um clima de motivação para o tema, dizendo que tais princípios são práticas simples que auxiliarão os ouvintes no dia a dia. O pastor 1, doravante locutor 1 (L1), baseia-se em versículos bíblicos para expor os 18 princípios.

O pastor 2 (L2) também inicia seu discurso oral com textos da Bíblia. Enfoca o tema “Evangélico”, falando do nascimento por vontade dos pais e do nascimento espiritual, baseando-se sempre nos textos da Bíblia para explorar o tema.

O terceiro pastor (L3) fala sobre a “Misericórdia de Deus”. Ressalta a visão distorcida que algumas pessoas têm de Deus, utilizando-se, também, como os outros, de versículos bíblicos para basear suas explicações, o que mostra que é um texto basicamente dissertativo argumentativo.

O quarto e último pastor (L4) fala sobre “O Evangelho de Jesus Cristo”. Assim como os outros, utiliza-se da palavra da Bíblia para enriquecer o seu discurso oral que, de forma geral, é do tipo descritivo.

No limite do presente artigo, optamos por analisar apenas dois dos CD. Essa análise será apenas ilustrativa e levará em conta as considerações sobre os elementos discursivos assinalados no início deste trabalho.

Para melhor organização desse artigo, fizemos a divisão do texto em três partes. A primeira apresenta uma reflexão sobre as tipologias predominantes no gênero oral “Ministração da palavra”. A segunda apresenta considerações gerais sobre a linguagem regulada pela Bíblia e, na terceira, tratamos de aspectos da oralidade predominantes neste gênero.

1. Tipologias predominantes no gênero “Ministração da palavra”

No gênero oral “Ministração da palavra”, percebe-se que as palavras dos locutores estão ligadas a tipos, tais como: a descrição, a narração, a dissertação argumentativa e a injunção, principalmente, quando as palavras/mensagens se cruzam e se fundem.

Sobre as referidas tipologia, Travaglia afirma que um texto se define como um tipo por uma questão de dominância, em função do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece, e não em função do espaço ocupado por um tipo na constituição desse texto.

O autor explica que, em um texto, pode-se ter vários tipos, a chamada conjugação tipológica e, ainda que, um tipo pode ser usado no lugar de outro, ou seja, é quando acontece o intercâmbio de tipos.

Travaglia define tipologia textual como aquilo que pode instaurar um modo de interação, ou seja, uma maneira de interlocução, segundo perspectivas que podem variar conforme o caso. Essas perspectivas podem, segundo o autor, estar ligadas ao produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer, ou conhecer/saber, e quanto à inserção destes no tempo e/ou no espaço.

É importante ressaltar que pode ser possível a perspectiva do produtor do texto dada pela imagem que o mesmo faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz. Surge, assim, o discurso da transformação, quando o produtor vê o receptor como alguém que não concorda com ele.

Ainda, segundo Travaglia, se o produtor vir o receptor como alguém que concorda com ele, surge o discurso da cumplicidade. Na opinião de Travaglia, tem-se ainda, uma perspectiva em que o produtor do texto faz uma antecipação no dizer. Da mesma forma, é possível encontrar a perspectiva dada pela atitude comunicativa de comprometimento ou não.

Resumindo, cada uma das perspectivas apresentadas pelo autor gerará um tipo de texto. Assim, a primeira perspectiva fará surgir os tipos descrição, dissertação, injunção e narração. A segunda perspectiva fará com que surja o tipo argumentativo *stricto sensu* e não argumentativo *stricto sensu*.

Já a perspectiva da antecipação fará surgir o tipo preditivo. A do comprometimento dá origem a textos do mundo comentado (comprometimento) e do mundo narrado (não comprometimento) (WEIRINCH, 1968). Os textos do mundo narrado seriam enquadrados, de maneira geral, no tipo narração. Já os do mundo comentado ficariam no tipo dissertação.

Marcuschi explica que a tipologia textual é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição. Em geral, os tipos textuais abrangem as categorias narração,

argumentação, exposição, descrição e injunção (SWALES, 1990; ADAM, 1990; BRONCKAR, 1999).

Travaglia e Marcuschi falam do discurso jurídico e religioso, mas de maneiras diferentes. Travaglia cita esses discursos quando discute o que é para ele tipologia de discurso. Assim, ele menciona os discursos citados mostrando que “as tipologias de discurso usarão critérios ligados às condições de produção dos discursos e às diversas formações discursivas em que podem estar inseridos” (KOCH & FÁVERO 1987, p. 3). Citando Koch & Fávero, o autor fala que uma tipologia de discurso usaria critérios ligados à referência (institucional (discurso político, religioso, jurídico), ideológica (discurso petista, de direita, de esquerda, cristão, etc), a domínios de saber (discurso médico, linguístico, filosófico, etc), à interrelação entre elementos da exterioridade (discurso autoritário, polêmico, lúdico). Já Marcuschi não faz alusão a uma tipologia do discurso.

Em relação aos termos discurso e texto, Travaglia afirma que distingue texto de discurso levando em conta que sua preocupação é com a tipologia de textos, e não de discursos. Marcuschi afirma que a definição que apresenta de texto e discurso é muito mais operacional do que formal.

Travaglia apresenta uma “tipologização” dos termos Gênero Textual, Tipologia Textual e Espécie. Ele chama esses elementos de Tipelementos. Justifica a escolha pelo termo por considerar que os elementos tipológicos (Gênero Textual, Tipologia Textual e Espécie) são básicos na construção das tipologias e talvez dos textos, numa espécie de analogia com os elementos químicos que compõem as substâncias encontradas na natureza.

Na verdade, entende-se que o que Travaglia mostra é uma extrema preferência pelo uso da Tipologia Textual.

Nos textos injuntivos, no geral, aparecem auxiliares modais de modalidades imperativas, sobretudo ordem, obrigação e prescrição. São constituídos essencialmente de verbos dinâmicos de ações; aparecem verbos enunciativos mais no discurso indireto, e ligados à condição do produtor do texto de incitador e do recebedor de potencial executor das ações: mandar, ordenar, determinar, pedir, suplicar, sugerir, recomendar, etc.”

“Se o injuntivo mostra que um conteúdo tem sempre algo a ser feito e/ou como ser feito, uma ou várias ações ou fatos ou fenômenos cuja realização é pretendida por alguém” (TRAVAGLIA, 2007, p. 43), nos textos orais dos pastores analisados, percebemos que o tom imperativo é uma forma própria do discurso em que existe doutrinação e disciplinamento e alguns exemplos transcritos dos discursos analisados reforçam a ideia de autoridade da linguagem evangélica:

Os locutores quase sempre tendem a indicar aos ouvintes a ação a ser seguida. Essa estratégia discursiva, ora tenta fazer crer que a ação se faz necessária por força das circunstâncias, ora é ressaltada através de expressões indicativas de obrigatoriedade, conforme exemplos retirados dos CDs:

“Você vai ser cheio da palavra.” (L1)
“Eu vou ser um ótimo funcionário.” (L1)
“Abra seu coração para Jesus” (L2)
“Ore sempre pelo que quer.”(L1)

É importante ressaltar também o grande número de citações bíblicas que compõem o “ambiente” das memórias veiculadas pelo discurso dos pastores. Eles solicitam aos ouvintes, ao longo de suas falas, que confirmem o que diz, lendo a bíblia. Sugerem a leitura de:

Romanos 11
Apocalipse 1: 17-18
Mateus 12: 22
Colossenses 3: 16
Filipenses, Pedro 1: 3
Marcos 16 e outros.

Na dissertação argumentativa, temos um texto em que defendemos uma ideia, opinião ou ponto de vista, uma tese, procurando (por todos os meios) fazer com que nosso ouvinte/leitor aceite-a, creia nela. Muitos pastores se utilizam de estratégias argumentativas, ou seja, recursos (verbais e não-verbais) utilizados para envolver o ouvinte, para impressioná-lo, para convencê-lo melhor, para persuadi-lo mais facilmente, para gerar credibilidade, etc.

Assim, normalmente, baseados em uma leitura restrita da bíblia, os pastores adaptam seus discursos às diversas circunstâncias da vida de seus fiéis a um modelo de representação linguística apoiado em argumentos fundados nas figuras de deus, do pecado e do demônio.

“Cuidado com o demônio. Ele pode te enganar.” (L2)

Para que o pastor comunique-se, de fato, com seus fiéis, isso não é, pois, apenas um fazer saber, mas também um fazer crer, um fazer-fazer. Nesse sentido, a língua não é apenas um instrumento de comunicação; ela é também um instrumento de ação sobre os espíritos, isto é, uma estratégia que visa a convencer, a persuadir, a aceitar, a fazer crer, a mudar de opinião, a levar a uma determinada ação.

Em se tratando de estratégias argumentativas, sabemos que argumentar é, antes de tudo, integrar-se ao universo do outro, e, para que isso ocorra, é imprescindível que o orador apresente uma linguagem comum ao seu auditório. Nesse sentido, podemos dizer que o L1, na pregação analisada, utiliza uma linguagem despojada e informal, o que o deixa mais próximo de seu auditório, que é, na sua maioria, constituído por jovens. Apesar de a pregação analisada se equiparar a outras do mesmo gênero proferidas em diferentes igrejas brasileiras, o que a difere das demais é exatamente a linguagem informal (marcada por um vocabulário informal) que o leva a grande intimidade que o orador apresenta com o público-alvo. Essa linguagem é, sem dúvida, um elemento crucial na constituição da persuasão, e pode ser utilizada como um instrumento para assegurar o interesse do público pela igreja em questão.

Na narração, há o arranjo de uma sequência de fatos na qual os personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa. O texto narrativo é

baseado na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Seus elementos são: narrador, enredo, personagens, espaço e tempo. Dessa forma, o texto narrativo apresenta uma determinada estrutura também presente na Ministração da palavra, principalmente, quando o pastor conta um fato ocorrido com ele (como se fosse um depoimento).

“Saía de casa para brincar com os colegas, mas eu era desobediente, “matava aulas na escola, ...” (L2)
“ Eu já fumei, já fui um péssimo filho, fugia de casa, desobedecia meus pais...” (L2)

A descrição é estática, sem movimento, desprovida de ação. Na descrição, o ser, o objeto ou ambiente são importantes, ocupando lugar de destaque na frase o substantivo e o adjetivo descrição, enfim, descrever é explicar com palavras o que se viu e se observou. O emissor capta e transmite a realidade através de seus sentidos, fazendo uso de recursos linguísticos, tal que o receptor a identifique. A caracterização é indispensável, por isso existe uma grande quantidade de adjetivos no texto.

“Eu era um menino cabeludo, sujo, não ligava para nada.” (L1)

A qualificação constitui a parte principal de uma descrição. Qualificar o elemento descrito é dar-lhe características, apresentar um julgamento sobre ele. A qualificação pode estar no campo objetivo ou no subjetivo.

Uma forma muito comum de qualificação é a analogia, isto é, a aproximação pelo pensamento de dois elementos que pertencem a domínios distintos. Pode ser feita através de comparações ou metáforas, figuras muito utilizadas pelos pastores em seus discursos orais.

2. A linguagem da ministração: regulada pela Bíblia.

O discurso evangélico é uma tipologia discursiva que surge dentro do discurso religioso. Seu caráter discursivo, portanto, é constituinte, visto que se fundamenta em bases edificadas por ele mesmo. O discurso evangélico consolida-se por um texto fundador (COSSUTTA e MAINGUENEAU, 1995), que é a “Bíblia Sagrada”.

Um exemplo desta realidade é que os pastores em estudo usam, em muitos momentos, a Bíblia como fonte de argumentação para a maioria dos evangélicos que o ouve, ele está fazendo uso de argumentos irrefutáveis, pois faz parte da crença desse grupo adotar a Bíblia como palavra incontestável. Assim, em função de um contexto histórico-social, um argumento toma dimensões diferentes.

Na linguagem dos pastores analisados, há regras estritas, uma vez que a linguagem é regulada pelo texto sagrado, pela igreja, pelas cerimônias, pelas reuniões. Isto é, percebe-se que há uma distância muito grande entre o dito de Deus e o dizer do homem. Em oposição ao dizer do homem, o discurso avaliado/analísado seria aquele em

que há uma relação obrigatória com o livro sagrado. De um lado, temos a onipotência divina e de outro, a submissão humana.

Entende-se que, para que os homens sejam ouvidos por Deus, devem se submeter às regras, ou seja, devem ser bons, seguirem a palavra, terem fé ... pois a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação.

Segundo palavras dos pastores, inspiradas na Bíblia, Hb 8:10, “os membros da igreja devem pensar segundo a palavra de Deus” e I Co 3:19, “precisam ‘abrir mão’ do que aprenderam no mundo.” Outro aspecto importante da fé a ser observado é o fato de que ela é que distingue os fiéis dos não-fiéis, os convictos dos não-convictos, os convertidos dos não-convertidos. Logo, é o parâmetro pelo qual se delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso evangélico é uma promessa e para os que não crêem é uma ameaça.

Segundo o L1,

“... sua vida só será bem sucedida, se a palavra de Deus habitar seu coração.” (L1)

É um discurso que se fundamenta e se articula principalmente no uso da autoridade, e sobre a visão do sagrado e do profano.

Dessa forma, os enunciadores do discurso evangélico afirmam não falar por si mesmos, assumindo o papel de porta-vozes da palavra divina, gestores dos bens da salvação (BOURDIEU, 1992).

Neste sentido, Bourdieu (2003) esclarece que esses porta-vozes se utilizam do instrumento ideológico: seu discurso. Segundo Bourdieu (2003, p. 10), “as ideologias servem interesses a particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”.

Exemplos retirados dos discursos dos CD:

“Em nome de Jesus” (L1)

“[...] **Pai, nós te pedimos, em nome de Jesus**, que esses irmãos que levantaram a mão, dizendo que estão desempregados, Senhor, são pessoas que precisam trabalhar, precisam sustentar suas vidas, suas casas, suas famílias, nós pedimos que o Senhor, que não...Senhor..”(L2)

Sabemos que, em todo fato linguístico há que se distinguir, pois, a criação e a coletivização de palavras, expressões e etc. Algumas expressões utilizadas pelos locutores, tais como “Amém!”, “Aleluia”, “Eu sou de Jesus”, “Em nome de Jesus”, “... lavado no sangue de Jesus”, “a mão de Deus”, “misericórdia” e outras são sintagmas cristalizados na linguagem do discurso evangélico em geral e estão presentes em todas as falas analisadas. Pode-se concluir que esses vocábulos são modeladores de uma determinada visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema Gênero oral para estudo ocorreu devido ao fato de o presente trabalho pertencer a um grupo de pesquisa que procura esclarecer as características dos gêneros orais. Em termos prosódicos, a análise efetuada até o momento, nos possibilitou averiguar que os pastores fazem uso do volume de voz – por vezes, extremamente alto, outras vezes, baixo – visando gerar uma sensibilização no auditório.

Além do volume, outra característica prosódica apresentada pelos pastores é o uso recorrente do acento frasal, ressaltando os termos que busca enfatizar. Essa característica nos pareceu ser uma particularidade do L1, que a utiliza ao longo de toda a pregação.

Em se tratando de processos argumentativos, sabe-se que argumentar é, antes de tudo, integrar-se ao universo do outro, e, para que isso ocorra, é imprescindível que o locutor apresente uma linguagem comum ao seu auditório.

Nesse sentido, podemos dizer que o locutor 1, na pregação analisada, utiliza uma linguagem despojada e informal, típica de grupos sociais “jovens”, o que o deixa mais próximo de seu auditório, que é, em sua maioria, constituído por jovens e seus pais. Apesar de a pregação analisada se equiparar a outras do mesmo gênero proferidas em diferentes igrejas brasileiras, o que a difere das demais é exatamente a linguagem informal (marcada por um vocabulário comum aos jovens, repleta de gírias e de figuras) e a grande intimidade que o L1 apresenta com o público-alvo. Essa linguagem é, sem dúvida, um elemento crucial na constituição da persuasão, e pode ser utilizada como um instrumento para assegurar o interesse do público jovem pela igreja em questão.

A análise do discurso religioso mostra que a oralidade religiosa dos profissionais da fé dessa igreja deve ser encarada como instrumento linguístico, portanto, ideológico. Não é raro observar que o aparato discursivo religioso sirva para a ordenação de comportamentos em diversos grupamentos sociais. A linguagem oral desempenha papel importante na transformação dos seres humanos, inclusive, porque exerce influência sobre a estruturação do pensamento/cognição.

Enfim, essa breve reflexão nos levou a considerar o gênero oral “Ministração da palavra” como um discurso que forma e organiza a vida social dos ouvintes, membros da igreja e são usados, principalmente, com o objetivo de promover e organizar atividades entre seres humanos.

Acredita-se que tal reflexão possa contribuir com a discussão acerca dos fundamentos e caracterização do gênero oral, ampliando assim os trabalhos na área da Linguística Textual.

Referências Bibliográficas

ADAM, J. M. *Éléments de linguistique textuelle. Theorie et pratique de l'analyse*. Liège, Mardaga, 1990.

BOURDIEU, P. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva,

1992.

_____. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC/SP.

COSSUTTA, F. e MAINGUENEAU, D. L'Analyse des discours constituints. In: *Langages*, 117. Paris: Larousse. 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992 (a).

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. (1987). Contribuição a uma tipologia textual. In *Letras & Letras*. Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. pp. 3-10.

LAKOFF George & JOHNSON Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo: Editora: Mercado de Letras, 1980. ISBN: 8585725974. Título original: *Metaphors We Live By*

MARCUSCHI, Luiz Carlos. *Linguagem e Classes Sociais*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1975.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

SWALES, J. M. *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996/2002

_____. *A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies*. Alfa, São Paulo, 51 (1): 39-79, 2007.

_____. (2002). *Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos*. Mimeo.